

A educação protestante na cidade de Sorocaba entre o fim do Império e o início da República

Ivanilson Bezerra da Silva*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a educação protestante na cidade de Sorocaba, de confissão de origem norte-americana. O trabalho contribui para a história da educação ao trazer uma discussão pouco debatida a respeito da presença da educação protestante na cidade de Sorocaba. Além disso, acentua que o pioneirismo desta iniciativa educacional em Sorocaba deu-se através da ação pedagógica e missionária de uma educadora pouco conhecida na história da educação brasileira. Para entender a importância da proposta educacional protestante em Sorocaba, dividimos a análise em duas partes. A primeira discute a implantação da proposta educacional protestante na cidade de Sorocaba através da educadora Palmira Rodrigues. A segunda analisa a continuidade da educação protestante na cidade através da ação pedagógica e política do professor José Zacharias de Miranda e Silva, mostrando que tal proposta educacional estava ligada aos anseios da cidade, pois mantinha relações de poder com vários campos sociais e sua proposta vinha ao encontro dos ideais modernizadores e republicanos postulados pela elite sorocabana.

Palavras-chave: Educação Protestante; Cidade; Maçonaria.

The Protestant education in the city of Sorocaba between the late Empire and early Republic

Abstract

This article aims to analyze the Protestant education in the city of Sorocaba, a confession of North American origin. The work contributes to the history of education in bringing a little debated discussion about the presence of Protestant education in the city of Sorocaba. In addition, stresses that this pioneering educational initiative in Sorocaba took place through the action of a missionary and teaching little-known educator in the history of Brazilian education. To understand the importance of Protestant educational proposal in Sorocaba, we divide the analysis into two parts. The first discusses the implementation of the proposed Protestant education in the city of Sorocaba through educator Palmira Rodrigues. The second examines the continuity of Protestant education in the city through the action of the pedagogical and political Zacharias Professor Jose Miranda and Silva, showing that such a proposal was linked to the educational aspirations of the city, it had the power relations in various social fields and its proposal was to meet the ideals postulated by modernizing and Republican elite sorocabana.

Keywords: Protestant Education; City; Freemasonry.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1870-1900, a cidade de Sorocaba começa a experimentar um acentuado processo de modernização articulada por agentes sociais que faziam parte do campo político sorocabano. Este período é caracterizado pelo replanejamento do espaço urbano, fim da mão de obra escrava para a mão de obra assalariada, início do processo de industrialização e estabelecimento da República. Neste contexto histórico-social, várias instituições escolares faziam parte do campo educacional sorocabano, entre elas, a Escola Protestante de confissão de fé Presbiteriana. Segundo a perspectiva adotada no trabalho, esta escola manteve relações de poder com vários campos sociais, pois sua proposta vinha ao encontro dos ideais modernizadores e republicanos postulados pela elite sorocabana, formada por maçons, comerciantes, industriais, negociantes,

professores, intelectuais e outros, que via a educação como instrumento capaz de solidificar os seus ideais.

Faço uso do conceito de campo de Pierre Bourdieu, pois seu aporte teórico oferece subsídios para identificar e analisar as tensões existentes entre os vários agentes sociais que faziam parte do espaço social sorocabano na segunda metade do século XIX. Bourdieu afirma que qualquer que seja o campo,

“ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (2004, p. 29).

Nesta perspectiva, o conceito de campo ajuda a entender que foram construídas

* Endereço eletrônico: ivanilson.silva2010@hotmail.com

estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas idéias políticas, religiosas e, principalmente, educacionais. Este espaço social se configura como um campo de poder capaz de modificar, solidificar e redefinir o que é interessante para a construção da hegemonia da elite.

A partir desta perspectiva, o objetivo do trabalho é investigar como a proposta educacional protestante norte-americana de confissão presbiteriana (1876-1896) contribuiu com o processo de modernização da cidade de Sorocaba, para a configuração do campo religioso sorocabano e para a estruturação das relações de poder construídas por vários agentes sociais. Além disso, presbiterianismo em Sorocaba disputou o campo educacional, e para tanto, posicionou-se politicamente, optando por legitimar os ideais de matriz republicano-maçônica.

Neste processo de disputa de poder na cidade, constatei a presença feminina, algo que nos chamou a atenção, visto que o campo social sorocabano era predominantemente masculinizado. O espaço social dominado por agentes sociais masculinos denotava de certa forma a diferenciação que se fazia entre o lugar da mulher e do homem na sociedade. Na dinâmica urbana no fim do Império, a mulher tinha sua vida voltada predominantemente para a vida doméstica e o homem para as esferas produtivas. Além disso, não tinham participação na vida política do país. Porém, no campo educacional, elas conseguiram sua inserção como educadoras (HILSDORF, 1999). Então, na ocasião levantei a seguinte pergunta: Por que Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite tinha uma inserção e projeção no campo social e educacional sorocabano? Quais eram as razões pelas quais ela circulava nestes dois campos? Para responder estas questões é preciso retomar as duas fases da presença da educação protestante em Sorocaba no final do Império e início da República, pois entendo que nestes dois momentos diferentes, o presbiterianismo solidificou-se na cidade através da ação educacional da professora Palmira Rodrigues, bem como, das estratégias políticas do vereador e pastor José Zacharias de Miranda.

Vale ressaltar que o artigo faz uso de fontes primárias tanto relacionadas à maçonaria (atas, livros de jóias, relatórios educacionais) quanto ao presbiterianismo (relatórios dos missionários norte-americanos, relatórios educacionais), contribuindo para um aprofundamento das instituições escolares organizadas pela iniciativa destes grupos.

Analisou-se, também, os jornais como fonte primária a fim de perceber como os agentes sociais sorocabanos faziam circular suas ideologias no espaço urbano.

O artigo está estruturado em dois tópicos: o primeiro, visa analisar a presença da educação protestante através da Escola Americana, dirigida pela educadora Palmira Rodrigues. No segundo, mostro a continuidade da educação protestante, de confissão de fé presbiteriana, através do Colégio Sorocabano, dirigido pelo pastor e vereador Zacharias de Miranda. Entendo que se tratava de duas propostas educacionais oferecidas pelos presbiterianos em Sorocaba em momentos distintos, mas que de certa forma, podem ser entendidas como uma continuidade da presença dos presbiterianos no campo educacional sorocabano.

Educação Protestante em Sorocaba

Segundo Hilsdorf (2000), as escolas americanas foram extremamente importantes nas iniciativas inovadoras promovidas pelo Segundo Liberalismo das décadas finais do século XIX¹ e precisam ser retomadas recorrentemente como objeto de análise e de investigação quanto ao papel que assumiram no processo de escolarização da sociedade brasileira e das possíveis transformações efetuadas na sociedade.

Tendo por base o movimento amplo de análise efetuado por Hilsdorf (1977), nossa primeira hipótese é que a educação protestante no período de inserção do presbiterianismo em Sorocaba necessitava de apoio para se solidificar na cidade, devido ao contexto de resistência e por propagar ideias que contrariavam os interesses da religião católica e do governo monárquico. Para tanto, foi importante o apoio do intelectual Júlio Ribeiro e de outros agentes sociais da cidade ligados à maçonaria republicana e abolicionista. A proposta educacional da Escola Protestante em Sorocaba coadunava com os interesses da elite sorocabana que dominava a sociedade e que defendia os interesses da nova ordem política e social.

Segundo Hilsdorf:

as escolas americanas de fé protestante representavam para as elites paulistas progressistas a possibilidade de um novo locus para a manifestação e experimentação de seus ideários: em primeiro lugar, por ser o protestantismo visto pelas lideranças como versão religiosa dos 'ideais modernos' de que elas se orgulhavam e, em segundo, porque

eram escolas organizadas segundo o padrão americano, pólo de atração tanto pelos seus aspectos democráticos quanto por aqueles propriamente pedagógicos (1977, p. 187).

Enfim, em relação a aproximação do protestantismo com o grupo político e elitizado em Sorocaba, pode-se pensar que a Igreja precisava de apoio e apoiava as iniciativas do campo político, não somente por entender que as ações políticas eram importantes para o processo de modernização da cidade, mas também pelo fato de pertencerem ao mesmo campo político sorocabano e a um grupo elitizado, que através das suas ações transformavam o espaço urbano sorocabano em um espaço de poder e de relações de poder.

A escola protestante era um instrumento para legitimar os interesses do presbiterianismo norte-americano na cidade de Sorocaba² e alcançar novos adeptos através de uma evangelização indireta. Isto significa que os presbiterianos em Sorocaba estavam assumindo um daqueles modelos de educação escolar apresentados no item anterior: o do colégio aberto onde se fazia o proselitismo a partir dos ideais civilizatórios americanos e não da exclusiva prática religiosa. Evitando a propaganda direta do presbiterianismo, direcionava-se a proposta educacional para um grupo social mais amplo, alcançando mais alunos. Nesse sentido, a participação de Zacharias de Miranda – o pastor associado recorrentemente na historiografia a essa instituição escolar - na política sorocabana, tinha como objetivo garantir a expansão do protestantismo em Sorocaba e também um lugar para a escola protestante no campo educacional local: ao assumir a direção da escola protestante já existente em Sorocaba, Zacharias muda o seu nome de Escola Americana para Colégio Sorocabano. Sua estratégia, além de demonstrar uma posição política, partidária e republicana local, envolvia também, sua perspectiva evangelizadora, pois ele sabia muito bem que a ideia de uma escola americana associava, em todo o território paulista da época, essa instituição educacional ao campo religioso presbiteriano.

Mas a escola protestante de Sorocaba não esteve apenas sob a direção de Zacharias de Miranda. Nossa pesquisa estabeleceu que a história dessa instituição recobre um arco de tempo mais extenso, estando ligada a outras figuras com perfil diferenciado do dele, como por exemplo o da professora Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite. Ela foi a pioneira da educação protestante na cidade de Sorocaba. Sua

participação no campo educacional sorocabano permitiu que Zacharias de Miranda desse continuidade a educação protestante. Seu pioneirismo e suas relações de poder facilitou o trabalho realizado por Zacharias na segunda fase da educação protestante em Sorocaba.

Primeira fase da educação protestante em Sorocaba: A Escola Americana

A presença da educação escolar protestante em Sorocaba, de confissão presbiteriana, aconteceu através do casal Antonio Pedro de Cerqueira Leite e sua esposa Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite, em 1874.

A Escola recebeu o mesmo nome da Escola Americana de São Paulo, provavelmente, por influência dos missionários americanos, aos quais Antonio Pedro e Palmira estavam ligados.

Antonio Pedro de Cerqueira Leite, a convite de Chamberlain, encerrava na Escola Americana em São Paulo, seus estudos teológicos (1872). Segundo o historiador e arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos: “Por quase dois anos, a dupla de conversos brasileiros (Antonio Pedro e Palmira) habitou no ninho presbiteriano, lecionando na Escola Americana” (2005, p. 79).

Em Sorocaba, Antonio Pedro, teve contato em 1872 com Júlio Ribeiro:

Veio conosco e já regressou para a sua família o Sr. Júlio Ribeiro, moço mineiro ilustrado o qual daqui a um mês voltará para nos ajudar na aula e recomeçar os seus estudos para o Ministério evangélico. A mãe dele me ficou querendo muito bem só por eu contar-lhe que era filho duma mineira santanhense. Júlio sabe muito bem latim, fala perfeitamente o francês, traduz o inglês com muita facilidade, é “dono do aço” em história, filosofia e retórica, é professor de matemática e sabe muito de física e química, só lhe falta grego e teologia [...] Celebramos a ceia do Senhor, tendo pregado anteriormente Júlio Ribeiro, que na tribuna assemelha-se a um orador profano do que a um sagrado pregador: porém fala e discute muito bem, é muito inteligente (LEMOS, 2005, p. 79).

Este trecho foi extraído por Lemos de uma das cartas de Antonio Pedro. Nesta carta, Antonio Pedro expõe suas impressões sobre Júlio Ribeiro, inclusive, afirmava que ele chegou a pregar na cidade de Sorocaba. Talvez esteja aqui a razão pela qual Júlio

Ribeiro veio à Sorocaba. Provavelmente, pelas suas qualificações intelectuais, ele foi convidado pelos missionários norte-americanos para ajudar a estabelecer as relações de poder na cidade e fortalecer o presbiterianismo. Além disso, Júlio Ribeiro era um dos primeiros presbiterianos que, nesse período, em Sorocaba, enveredou-se no campo educacional. Sua atuação na educação foi noticiada pela imprensa sorocabana:

Hoje 15 do corrente mês de Outubro, abre em casa de sua residência a rua Nova Constituição n.23, classes de Latim, Francês, Inglês, Geografia e Primeiras Letras, incluindo o sistema métrico decimal.

Preços

Latim, Francês, Inglês e Geografia por mês... 5\$000

Primeiras Letras... 3\$000

Pagamentos Adiantados

As classes funcionarão das 9 horas da manhã a 1 hora da tarde, sendo feriados os Sábados e Domingos (O SOROCABA, 15/10/1872, p. 4).

Como demonstrei, ele se destacou no campo intelectual e no educacional sorocabano. Lecionava aulas particulares de latim, francês, inglês, geografia e primeiras letras. Talvez seja prematuro afirmar que a sua participação no campo educacional sorocabano estivesse atrelada ao presbiterianismo, pois conforme Antonio Pedro, ele manifestava-se mais como “um orador profano do que sacro”. Por outro lado, é possível pensar que sua ação educacional representava uma estratégia de aproximação com o campo político, dominado pela maçonaria sorocabana, o qual lhe dava mais legitimidade naquele momento histórico do que o recém estruturado campo religioso presbiteriano. Mas, esta participação de Júlio na educação pode ter influenciado o casal Cerqueira Leite na organização de uma Escola Americana na cidade. Júlio Ribeiro foi professor na Escola Americana em São Paulo na mesma época que Palmira. Este relacionamento foi construído quando Júlio atuou como professor de português na Escola Americana de São Paulo, nos anos iniciais desta instituição. Palmira nesta época era professora de história (Garcez, 2004, p. 64).

Em 1887, Palmira retornaria ao quadro docente do *Mackenzie College* como professora de música (Escolas Particulares, 1887-1894, Arquivo do Estado, manuscrito, número de ordem 5.111). Além de ter mantido bom relacionamento com o casal Cerqueira Leite, Júlio Ribeiro conhecia muito bem o campo maçônico local e tinha habilidades intelectuais para ajudá-los na organização da instituição escolar presbiteriana.

Segundo Lemos (2005), Antonio Pedro casou-se com Palmira em 1873:

As bodas deram-se na residência de Chamberlain no dia 18 de setembro de 1873, sendo padrinhos pessoas significativas da sociedade paulistana. O padrinho de Palmira foi o sr. Fidêncio Prates e o de Antonio Pedro, simplesmente o dr. Américo de Campos, professor eventual da Escola Americana e jornalista ilustre, diretor do Correio Paulistano e fundador, com Nestor Pestana (sic) e Campos Sales, do jornal a Província de São Paulo (p. 80)³.

Instalado em Sorocaba por decisão do Presbitério do Rio de Janeiro, o casal começa a desempenhar suas responsabilidades no campo religioso presbiteriano. Uma das primeiras estratégias do casal foi a organização da Escola Americana. Lemos afirma que a escola serviu para sustentar o casal e ajudar a mãe de Antonio Pedro, dona Cândida:

Palmira abre escola para crianças e espera frequência suficiente a uma significativa melhora de rendimentos, pois as despesas não seriam só em casa, necessitam também ajudar Cândida, agora morando em Caldas e sempre pedindo socorro, dada a sua “total falta de recursos”, o que desesperava o filho extremo. A escola acaba tendo altos e baixos e em certas ocasiões não podem mandar nada à velha desamparada (2005, p. 81).

Lemos, que reveste seu texto de um tom rememorativo e com enfoque familiar, aponta que a iniciativa educacional do casal estava mais atrelada às suas necessidades pessoais, não interpretando como uma estratégia de atuação nos campos religioso e educacional de Sorocaba. Mas o mesmo autor afirma que Palmira tinha boa aceitação da burguesia sorocabana, porque recebeu

“educação fora do normal para a época” e morou alguns anos na Inglaterra, onde se aperfeiçoou em piano (LE MOS, 2005, p. 79). De fato, podemos perceber isto em uma nota na imprensa sorocabana, registrada por Júlio Ribeiro na ocasião em que a cidade recebeu a visita do conde d’Eu⁴: “Às seis horas foi sua alteza para a mesa tendo tido a subida honra de jantar em sua companhia as exmas. Sras. Angelina Adams e Palmira Cerqueira Leite” (GAZETA COMERCIAL, 19/10/1874). Angelina Correia de Oliveira era esposa do médico Dr. João Henrique Adams⁵ e filha de Manuel Claudiano de Oliveira, barão de Mogi Mirim⁶, e sua mulher Balbina de Toledo.

Palmira circulava no campo social sorocabano e tinha uma posição de destaque no campo educacional da cidade: era uma “pianista exímia, a par da fina educação, era dotada de grandes qualidades afetivas e morais” (FERREIRA, 1992, p. 136), e contava com o apoio de parte da imprensa sorocabana em suas atividades educativas na cidade. Palmira tem sua inserção no campo social explicada pelo capital cultural (BOURDIEU, 2004) que adquiriu ao longo da sua formação acadêmica e cultural.

Neste contexto da década de 70, o jornal *A Voz do Povo*, que afirmava representar o interesse da população mais desfavorecida e lançava ataques contra pessoas que compunham a elite sorocabana, publicou um pequeno artigo que criticava os americanos:

O americano Miguel Chavalier, tem por único meio e por exclusivo pensamento a dominação do material, isto é, a indústria em seus diversos ramos, os negócios, a especulação, o trabalho, a ação. A este único objeto para ele se subordina: educação e política, lei da família e lei do Estado - As leis tendem, antes de tudo, a favorecer o trabalho; o trabalho material, o trabalho do momento. Nas sessões das legislaturas locais as belas artes não figuram, nem ainda por memória, estabelecimentos literários, bem como os altos estudos científicos, são raras vezes honradas com uma lembrança. O Americano não permite os prazeres que venham visitar, o instante da refeição não é recreio, em que retempere o fatigado cérebro no seio doce intimidade, é sim desagradável interrupção da diurna tarefa... Deixa de trabalhar ao domingo,

porque a religião lhe prescreve abstenção; mas a religião lhe veda também nesse dia, pena de sacrílego, todo o divertimento e toda a distorção até o de receber os amigos... O americano é mecânico. Mais singular é ainda a descrição, que faz do caráter norte-americano, um próprio cidadão dos Estados Unidos. “Nascemos à pressa: nosso corpo é locomotiva (...) nossa alma máquina de vapor de alta pressão; nossa vida semelhante a uma estrela cadente, e a morte nos surpreende qual relâmpago. Trabalho! (brada ao pobre a sociedade americana) trabalha, sem gozar, e só para estudares o poder sobre o mundo material; não animes, nem o teatro que estraga os costumes” (VOZ DO POVO, 01/01/1876, p.3).

O texto, que não vem assinado, parecendo de autoria do próprio editor e publicado numa página estratégica do jornal, criticava duramente a mentalidade norte-americana, que se inseria na sociedade sorocabana através da Igreja e da escola presbiterianas: sua postura consumista, que via o trabalho como uma forma de acúmulo de bens materiais, a que estavam subordinadas a educação e a política, e sua religião, que não admitia os prazeres.

A despeito da polêmica contra o movimento americano em Sorocaba, Palmira organizou sua escola em 1874:

No dia 1º de do corrente mês fundou-se este colégio de meninas, dirigido pela exma. D. Palmira, esposa do sr. Antonio Pedro. Felicitamos hoje de coração ao público, por ter a exma. Sra. D. Palmira, afinal, acedido ao pedido de várias famílias que com ela instavam para por-se à frente de um colégio de meninas. A esmerada educação da diretora, e o grande apoio das mães de família, cremos serem o basta para que ela consolide. O Dr. Juiz de Direito lá tem as suas duas filhinhas e outros cidadãos respeitáveis. Recomendamos aos pais de família, certos de que a educação de suas filhinhas será primorosa, o novo Colégio Palmira [sic] (YPANEMA, 07/06/1874).

Pelo que podemos perceber pela imprensa, a escola da Palmira, no período da sua organização, atendia as filhas dos agentes sociais que pertenciam à elite sorocabana. Um juiz de direito matriculou suas duas filhas na escola.

A Escola Americana era uma escola particular, criada para o ensino das primeiras letras para meninas. Em 1877, constava no seu programa curricular: leitura, caligrafia, aritmética, sistema métrico, gramática portuguesa e geografia (COLOMBO, 06/01/1877, p. 03). Também oferecia ensino de francês e música. O fato de ser particular confirma que foi organizada para atender um grupo social específico e elitizado, que poderia pagar os estudos de suas filhas.

A imprensa sorocabana tecia elogios, reforçando as novidades pedagógicas da instituição protestante como principal fator do sucesso e elevado número de alunos.

Vejamos a publicação de um jornal:

Efetuarão-se no dia 24 do corrente os exames deste externato dirigido pela ilustrada professora Exma. Sra. D. Palmyra de Cerqueira Leite. Estiveram presentes varias famílias e pais de alguns examinados e o sr. inspetor da instrução publica do distrito. Se bem que os primeiros exames realizados em Dezembro nos dessem auras para acreditar que os de agora não podiam ser-lhes inferiores, todavia não nos deixou de surpreender o notável adiantamento dos alunos, que atestam a proficiência, habilitações e dedicação de sua inexcedível preceptora. A par dos progressos que tem feito a pedagogia adotando os melhores métodos, os quais sabem conscientemente aplicar, a Exma. Sra. D. Palmyra provê os seus discipulos dos elementos indispensáveis para constituir-se a base da bem entendida e sólida educação, conduzindo-os por um caminho, que com louváveis esforços torna atraente, seguro e certo á realização de tão sublime desideratum. Abstendo-nos de dizer mais, visto como um cavalheiro que, como nós teve a satisfação de assistir a esse brilhante torneio da inteligência, prometeu-nos escrever sobre o assunto, não concluiremos esta ligeira noticia sem dirigir ainda uma vez como sempre os nossos prolfças à distinta preceptora, digna por muitos títulos de toda a consideração e aos srs. pais de seus alunos que proporcionaram a seus filhos um legado imperecível (DIÁRIO DE SOROCABA, 26/06/1884, p. 02).

Ao analisar as escolas de confissão protestante a respeito do sistema de ensino e do

apoio que receberiam das elites, Hilsdorf explica as razões:

As escolas americanas de confissão protestante trariam para a Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. Aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático, aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações; a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anti-clericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo, a par de uma completa oposição à Igreja Oficial. A todos, enfim, pelo cuidadoso aparato pedagógico que exibiam, em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja na formação imediata para a vida. Escolas como as americanas protestantes, cujas soluções pedagógicas já tinham sido testadas numa nação considerada modelo, estavam destinadas a receber o apoio efetivo dos espíritos mais atentos à realidade (1977, p. 156).

Este mesmo movimento pode ser percebido em Sorocaba, quando a imprensa acentuava a inovação do método pedagógico da escola americana. Além disso, percebe-se através do texto publicado no *Diário*, que a professora Palmira era uma pessoa conceituada no espaço social local, e que seu colégio tinha o prestígio da elite sorocabana.

Em outra ocasião, a imprensa sorocabana, através do seu redator, fez uma crítica ao ensino público e teceu elogios a educação particular, dizendo: “Resta o ensino particular. Este ao menos, senão de maneira a satisfazer as exigências de tão importante matéria, é o que nos oferece melhores garantias” (DIÁRIO DE SOROCABA, 18/01/1887, p. 01). Retribuindo esse apoio, como diz Hilsdorf (1977), a escola protestante fez neste jornal várias publicações sobre seu método de ensino, currículo estudado, oferta de educação e outros aspectos da sua proposta.

Pela visibilidade constante da professora Palmira na imprensa sorocabana, penso que a

escola estava mais sob sua responsabilidade pedagógica do que sob a de seu marido, Rev. Antonio Pedro. Como já pontuamos neste trabalho, a ação missionária de Antonio Pedro de Cerqueira Leite era mais voltada para a propagação do Evangelho (evangelização direta), enquanto que a ação missionária da Palmira era através da escola (evangelização indireta). Neste sentido, a escola Americana em Sorocaba se aproxima do modelo de escolas-abertas-aos-não-crentes, segundo a perspectiva sugerida por Hilsdorf (2008). Talvez esta divisão na proposta presbiteriana em Sorocaba pode ser justificada pelo próprio capital cultural e social destes dois agentes. Palmira era vista pela imprensa sorocabana como exímia educadora, ou seja, seu capital cultural era reconhecido pela elite sorocabana. Isto lhe conferia maior circulação no espaço social. Enquanto seu marido pastor, como já demonstrado anteriormente, fortalecia internamente o campo religioso presbiteriano sorocabano.

Por isso podemos dizer, por hipótese, que a escola americana em Sorocaba era de responsabilidade de Palmira e não do casal Cerqueira, fulcrada na perspectiva da escola norte-americana que ela conheceu em São Paulo, que também surgiu de uma iniciativa da esposa do pastor, Mary Annlesy Chamberlain. Acresce que em ambas as instituições os nomes ocultam a condição de escola protestante, do mesmo modo que os respectivos currículos propostos não explicitavam conteúdos de doutrina religiosa presbiteriana.

Blackford, referindo-se ao trabalho missionário em Sorocaba afirmava que existia uma Igreja e uma escola. Reafirmava que a cidade era um centro natural de um vasto campo (FOREING MISSION, 1876, p. 78). No ano eclesiástico de 1884-1885, a missão norte-americana destinou uma verba de 2.800\$000 para o pagamento de salário, aluguel e viagens e uma verba de 400\$000 para a escola (RIBEIRO, 1981, p. 191).

Percebe-se, ainda pela imprensa sorocabana, que a escola americana em Sorocaba atendia as demandas deixadas pelo ensino público, tendo participação na história da educação na cidade ao ser instalada num momento histórico em que a cidade experimentava um significativo processo de escolarização, devido às novas exigências imprimidas pela modernização, libertação dos escravos, industrialização e outras mudanças políticas e sociais. Além desse aspecto de resposta a uma situação, percebemos que o campo educacional sorocabano neste período era formado por diversas instituições educativas

escolares destinadas à instrução dos seus segmentos sociais, e nele a escola de Palmira aparece como uma ação afirmativa bem direcionada: a elite sorocabana de matiz maçom-republicano e os fiéis da Igreja Local.

Conforme o relatório semestral da Inspetoria da Instrução Pública do distrito de Sorocaba, escrito pelo respectivo inspetor Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury em 22 de junho de 1883, a Escola Americana tinha 12 alunos, sendo 6 meninos e 6 meninas:

Assim uma escola particular mista, de quem é diretor o Ministro Protestante Antonio Pedro de Cerqueira Leite, e professora [...] D. Maria Luiza de Cerqueira Leite [sic], também protestante, onde leciona, leitura, caligrafia, aritmética, gramática portuguesa e noções gerais de geografia e história Pátria, tendo 12 alunos, sendo 6 do sexo masculino e 6 do feminino, somente nas primeiras letras (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 22/06/1883, ORDEM 5110).

Para uma escola que começara suas atividades em 1874, e afirmava ter bastante apoio social, o número de alunos era muito baixo. Porém, no final do ano de 1883, a realidade da escola era outra. Segundo o inspetor, a escola americana tinha 40 alunos, sendo 24 do sexo feminino e 16 do sexo masculino:

D. Palmira Cerqueira Leite – religião Protestante, instalada em 1º de abril. pp. onde leciona Português, Frances, Inglês, Geografia, historia, caligrafia, aritmética e métrica. Existem 40 alunos matriculados e freqüentes, sendo 24 do sexo feminino e 16 do masculino (ARQUIVO DO ESTADO, 25/11/1883, ORDEM 5110).

Segundo o mesmo relatório do Inspetor do distrito, existiam mais 4 escolas particulares, além da Escola Americana:

Existem nesta cidade 5 aulas particulares, das quais 3 são mistas, e 2 do sexo masculino, das quais uma é noturna, e são as seguintes: = sexo masculino = Externato regido pelo cidadão Ignácio de Azevedo Coutinho, instalado a 10 de

setembro pp. onde leciona *las. Letras, gramática Portuguesa, aritmética, Frances, e História Pátria, pelo método simultâneo, existindo matriculados 22 alunos: sendo 18 freqüentes. Aula noturna de N. Sr.^a da Ponte, sustentada por Manuel José da Fonseca, instalada a 25 de Junho pp. e regida pelo Cidadão Germano de Pilar França somente. las. letras e para os empregados menores da Fábrica de tecidos de N. Sr.^a da Ponte, na qual existem matriculados, 26 alunos, sendo todos eles freqüentes. = Mistas = D. Joaquina Genebrina de Oliveira, ensina *las. letras e prendas domésticas, tendo 24 alunos matriculados e freqüentes, sendo 20 do feminino e 4 do masculino. D. Maria das Dores de Araújo Pavão, somente de las. letras, tendo 14 alunos matriculados e freqüentes.: sendo 10 do sexo feminino. e 4 do masculino (ARQUIVO DO ESTADO, 25/11/1883, ORDEM 5110).**

Dentre as escolas particulares mencionadas no relatório, a Escola Americana era a que tinha mais alunos neste período, dentro do total de 126 alunos matriculados, sendo 72 do sexo masculino e 54 do feminino.

No final desse ano, Palmira enfrentou a perda do seu marido (em 1^o. de setembro), porém ela continuou à frente da escola. Temos esta informação pela imprensa, pois em 1884, a Escola Americana de Sorocaba é envolvida numa polêmica. A imprensa sorocabana elogia os trabalhos nela realizados:

Nós que vivemos em uma cidade em que se nega todo o auxilio intelectual a imprensa, ao ponto de não encontramos ao menos pessoas que nos forneçam apontamentos e informações, apesar de as instarmos para isso, não podemos deixar de louvar o intento da ilustrada diretora da Escola Americana, que procura implantar no espírito de seus alunos o gosto pelos trabalhos literários (DIÁRIO DE SOROCABA, 12/10/1884, p. 2).

Porém, na edição posterior do jornal, o pai de uma aluna publica um artigo em que acusava a Palmira de plágio. Numa parte da carta ele faz o seguinte comentário sobre a escola:

Illmo. Sr. redator do Diario de Sorocaba. Participo a V.S. que o Sr. Hilário Ribeiro, no seu 4^o livro de leitura, cap. XXV, publicado em Pelotas, reclama a paternidade do elegante trecho histórico filosófico que V.S. publicou na parte editorial de sua folha de 12 do corrente, o qual escrito decerto mui inocentemente lhe entregaram como da lavra de uma das alunas do 'Externato Americano' (DIÁRIO DE SOROCABA, 17/10/1884, p. 3).

Palmira é reconhecida pelo redator como uma ilustrada diretora, que procurava implantar no espírito de seus alunos o gosto pelo trabalho literário. O suposto pai da aluna acusa-a de plagiar o texto literário publicado no jornal. Ele demonstra possuir capital cultural e intelectual para posicionar-se contra a postura adotada pela Palmira no campo educacional.

Palmira não se eximiu da disputa e apresenta a seguinte resposta:

Entre os exercícios gramaticais versou um sobre a tipografia. Sendo um assunto interessante, a discípula cingiu-se quase que textualmente às idéias de Hilário Ribeiro, como autoridade superior, de quem aprendera esse fato histórico. De modo que ela apenas colaborou no final do artigo em que expandia-se sobre a tipografia, deixando simplesmente de por as aspas nos lugares necessários. Quem pode escrever o final do artigo de modo a fazer compreender, também tinha certa aptidão para o seu todo, se não se embelezasse pelas teorias de Hilário Riberio. Na mesma biografia de Guttemberg por Hilário Ribeiro encontram-se varias citações de outros autores. Será ele plagiário? É preciso refletir-se que foi um simples exercício escolar e não um artigo elaborado por mestre. Vindo à minha casa um amigo mostrei-lhe o exercício, e ele gostando do assunto levou-o à tipografia e assim foi publicado. Não seria capaz de constranger uma discipula ao disfarce e ao estratagemas como me acusa o zeloso articulista. E, apelando para a emoção, acredita ter explicado o fato. Serve-me isto de aviso de que tenho nesta cidade um inimigo gratuito, que parece querer arrancar o pão da boca de seis orfãosinhos. Minha posição de senhora não me permite continuar qualquer

discussão impertinente escrevendo apenas este artigo em atenção aos pais de famílias que me têm confiado suas filhas (DIÁRIO DE SOROCABA, 19/10/1884).

Palmira não se sentiu acuada diante da luta e da polêmica em torno da sua escola. Porém, após apresentar as razões pedagógicas para combater as acusações sobre sua escola, apela para a emoção e para o fato de ser uma mulher viúva ao concluir que este acontecimento serviu para compreender que tinha um inimigo gratuito, que desejava arrancar o pão da boca dos seus filhos órfãos. Neste período, ela já era viúva de Antonio Pedro de Cerqueira Leite. Com este posicionamento, ela sugere que a escola servia também para sustentar sua família. Percebe-se, também, pela imprensa, que toda a publicação referente a Escola Americana, antes da morte de Antonio Pedro, mencionava a professora Palmira à frente da escola. Isto nos fortalece a ideia de que a proposta educacional presbiteriana na cidade de Sorocaba estava sob a responsabilidade da Palmira e não do seu marido.

Em 1885, circulam na cidade boatos de que a Escola Americana fecharia suas portas. Palmira volta novamente à imprensa sorocabana para se posicionar, afirmando:

Declaração. Consta-me por algumas pessoas de respeito que alguém nesta cidade propala que vou fechar meu Colégio; para que não creiam que isso é verdade faço a seguinte declaração. Continuarei com meu Colégio a despeito de inimigos gratuitos, que pela inveja buscam todos os meios de fazer-me mal. Espero na benevolência dos srs. pais de família que como cumpridora de meus deveres me continuarão a confiar seus filhos e filhas. Palmyra Exel (DIÁRIO DE SOROCABA, 22/09/1885, p. 3).

Nesta ocasião, assinou sua declaração como Palmira Exel. Após a morte de Antonio Pedro, ela se casou com João Exel, membro da Loja Maçônica Constância (LIVRO DE TESOURARIA, 1860, p. 20), em cerimônia celebrada pelo Rev. Zacharias de Miranda, no dia 19 de fevereiro de 1885. Foram testemunhas do casal: Arthur da Cunha Soares e Georger Oetterer. (LIVRO DE

CASAMENTOS DA IGREJA PRESBITERIANA DE SOROCABA, 1885). Segundo dados lançados neste livro, João Exel era negociante na cidade de Sorocaba. Como ele não aparece na relação de membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, podemos especular que o seu relacionamento com Palmira foi construído no campo social, espaço em que ela circulava com muita facilidade devido ao capital cultural, intelectual e social de que era portadora.

Palmira mostrava entender, na sua nota, que a afirmação feita sobre o fechamento da sua instituição escolar era efetuada por “inimigos gratuitos e pela inveja dos que buscam todos os meios para fazer o mal”. Quem eram seus inimigos? Seriam figuras que procuravam atingir indiretamente seu novo marido? Seriam pessoas ligadas ao campo educacional ou ao campo religioso? Esta questão ficará aberta. Porém, fica evidente que o presbiterianismo enfrentava oposição também no campo educacional e ela precisa fazer um apelo para que os pais de família continuassem lhe confiando a educação dos seus filhos e filhas.

Mesmo em chave negativa, o episódio mostra que, no campo das relações políticas, Palmira parece bastante diferente do seu falecido marido, Antonio Pedro de Cerqueira Leite, que não circulava no campo social e político sorocabano. É na pessoa dela que o presbiterianismo mantinha as relações de poder em Sorocaba, nas décadas de 1870 e 1880. Algo um tanto curioso para uma mulher presbiteriana do final do século XIX, mas certamente não uma novidade, segundo vem mostrando a literatura mais atualizada sobre a história social das mulheres no Brasil. O fato é que, pelas fontes lidas, o campo político sorocabano (campo de poder) era composto predominantemente de homens. Por que será que Palmira tem lugar no campo de poder na cidade de Sorocaba? Penso que a sua inserção no campo social sorocabano estava relacionado às estratégias realizadas por ela no campo educacional escolar, que lhe conferiram lugar de poder no campo social, na perspectiva de que a escola era uma instituição extremamente importante para os extratos modernos da sociedade paulista do período, conferindo aos seus agentes grande

visibilidade. Recebia apoio direto da elite republicana e maçônica da cidade, pois como observamos sua escola gozava de prestígio. Os jornais destacam o espaço físico da escola americana, as qualidades intelectuais do corpo docente e da diretora Palmira, o método pedagógico e as qualidades intelectuais dos alunos que freqüentavam a escola (DIÁRIO DE SOROCABA, 12/10/1884, p. 2). Podemos ainda dizer que ela já usufruía de uma posição de destaque na sociedade sorocabana antes do casamento com o negociante João Exel, e até mesmo anteriormente ao casamento com Antonio Pedro, pois pertencia ao grupo das educadoras que atuavam na Escola Americana de São Paulo. Por outro lado, sua escola lhe dava prestígio também porque uma das bandeiras defendidas pelos maçons sorocabanos era a educação, enquanto estratégia de modernização do espaço de poder que dominavam. Isto explica a razão da sua projeção social no campo de poder sorocabano.

Mas, afinal, tratava-se apenas de dar uma satisfação contemporizadora à sociedade sorocabana, pois os boatos eram verdadeiros, e a despeito de sua posição social de poder, Palmira e Exel, ao final desse mesmo ano de 1885, mudam-se da cidade, anunciando a saída numa pequena nota intitulada “Despedida”:

“O abaixo assinado e sua família, retirando-se desta cidade e não podendo despedir-se de todas as pessoas de sua amizade, vem fazer pela imprensa, oferecendo os seus limitados préstimos em São Paulo, onde vão fixar residência. João Exel” (DIÁRIO DE SOROCABA, 13/12/1885, p. 3):

Na mesma edição do jornal, na página 3, o redator do jornal lamenta o fato, reforçando o capital intelectual da professora Palmira e o capital social de João Exel, perdidos para a sociedade sorocabana:

Seguiram no dia 10 do corrente para a capital, onde foram fixar residência, o Sr. Tenente João Exel e sua exma. Família. Lamentando este fato que priva-nos de uma habilíssima e ilustrada preceptora da infância, a exma. sra. d. Palmyra, e de um dos mais distintos cidadãos desta

localidade, desejamos que em sua nova residência encontrem toda sorte de prosperidades de que são dignos (DIÁRIO DE SOROCABA, 13/12/1885, p. 3).

Fora da cidade de Sorocaba, Palmira Exel continuará sua trajetória no campo educacional. Após uma passagem de retorno ao *Mackenzie College*, ela abre em 1893, na cidade de Mococa, interior paulista, outra Escola Americana, segundo notícia do jornal *Estandarte*, reproduzindo as seguintes palavras contidas no *O Monitor Paulista*:

O colégio acha-se competentemente instalado, sendo o seu corpo docente habilitadíssimo; devendo, pois, os srs. pais pressurosos se dirigir a ele para matricularem suas filhas. Lembremos de que a mulher, esse primor da Divindade, pela qual o homem tudo arrosta, sendo devidamente instruída é o encanto do lar, é a sua harmonia, é a verdadeira sonoridade e a encantadora melodia que suavizam, que abrandam as tempestades e quebram os vagalhões do proceloso oceano da vida do homem, fazendo desse lar um verdadeiro e majestoso templo. A mulher desprovida, inteiramente da educação intelectual não passará duma flor sem beleza e perfume, duma estrela sem o melhor brilho no céu do lar.

Guerra, guerra de extermínio contra as trevas da ignorância, abrindo-se uma decidida e franca cruzada em prol da sublime conquista do fanal luminoso e inestimável do cultivo intelectual, tanto da mulher como do homem.

O progresso dum país, quer o encaremos pelo lado material, quer olhemos pelo lado moral, é sempre oriundo do grau de instrução e civilização do povo que nele habita. Conseqüentemente, deve-se sempre educar a mulher tanto quanto o homem para que possa com ele concorrer em muitos ramos da direção dos públicos negócios de nossa Pátria, mormente na fase hodierna em que vivemos sob o regime da igualdade e liberdade (ESTANDARTE, 07/10/1893, p. 4)

Percebe-se claramente o tom retórico do jornal, que reproduzindo aquelas colocações do relatório de líderes presbiterianos dos longínquos

anos de 1840, não somente exalta a figura da mulher, como também, acentua a ideia de uma luta contra as “trevas da ignorância”. Do ponto de vista educacional, atribui à escola a tarefa de trazer o progresso e civilizar o povo.

Lemos, em sua citada obra “Viagem pela Carne” (2005), faz uma referência à atuação educacional da Palmira⁷ em Mococa, afirmando:

Palmira revelou-se mulher autoritária, levando a sua escola com mão de ferro, ficando conhecida como eficiente disciplinadora. Sua escola foi famosa. Especializou-se em educar moças filhas de fazendeiros de café desejosas de aprender não só boas maneiras, mas línguas estrangeiras e, sobretudo, música e literatura (p. 85).

Em Sorocaba, 1885 fora um ano de mudanças na vida de Palmira, as quais nos deixam alguns questionamentos: por que ela vai à imprensa jornalística sorocabana em setembro, para dizer que não fecharia as portas do seu colégio, quando resolve mudar da cidade logo depois, em dezembro? E os alunos como ficaram? E o apelo que ela fez para os pais continuarem lhe confiando a educação dos seus filhos? Será que os pais corresponderam ao seu apelo? E ela, por que não cumpriu sua promessa de continuar com o colégio? Enfim, a Escola Americana de Palmira fechou realmente suas portas?

As fontes consultadas não permitem uma resposta direta a essas questões, mas no mesmo jornal em que João Exel e Palmira se despediam da sociedade sorocabana, Zacharias de Miranda, vindo de Brotas e recém nomeado pastor da igreja presbiteriana local anuncia, poucos dias após a nota do casal ter sido publicada, a abertura do seu colégio:

O abaixo assinado participa aos srs. Pais de família que vai abrir, nesta cidade, uma escola de instrução primária e secundária para alunos de ambos os sexos. As aulas abrir-se-ão a 11 de janeiro próximo futuro, e funcionarão todos os dias úteis, exceto aos sábados, das 9½ da manhã às 2½ da tarde, na casa n° 60 da rua do Rosário. O ensino será dividido em dois cursos que abrangerão as seguintes matérias. Curso Primário: Leitura, Rudimentos de Gramática portuguesa compreendendo análise sintática e exercícios ortográficos, Caligrafia, Rudimentos de aritmética compreendendo sistema métrico e

Geografia física. Curso Secundário: Gramática portuguesa, Exercícios de composição, Historia pátria, Geografia física, política e cosmografia, Aritmética (curso complementar), Álgebra Francês, Inglês e Latim. As pessoas que desejarem confiar a educação e instrução de seus filhos ao abaixo assinado, ao qual encontrarão em qualquer dia, exceto aos domingos, na casa de sua residência, à rua do Rosário 60. As condições de admissão serão apresentadas na ocasião de fazer-se a matrícula. Zacharias de Miranda (DIÁRIO DE SOROCABA, 24/12/1885, p. 4).

Segunda fase da educação Protestante em Sorocaba: O Colégio Sorocabano

A atitude estratégica de Zacharias pode representar uma indicação de continuidade do projeto educacional de Palmira? Nota-se que a linguagem do anúncio se assemelha à maneira de escrever de Palmira na imprensa: “as pessoas que desejarem confiar a educação e a instrução de seus filhos a este estabelecimento/ao abaixo assinado...”. Os leitores, também, provavelmente sabiam das relações que Palmira mantinha, no campo religioso, com Zacharias de Miranda, seu pastor. De outra parte, a repentina aproximação deste às iniciativas educacionais, em contigüidade temporal com a saída de Palmira, pode sinalizar que ele esperava se beneficiar das posições de poder que a educadora alcançara no campo educacional presbiteriano, importante para a condição de novo membro da sociedade sorocabana.

Tudo indica que Zacharias de Miranda pretendia dar continuidade ao projeto educacional da diretora Palmira, mudando apenas o nome da escola para Colégio Sorocabano. Por que essa alteração? Penso que esta ação de Zacharias foi, outra vez, estratégica. Possivelmente, Zacharias acompanhou os ataques que a Escola Americana enfrentou através da imprensa nos últimos tempos de Palmira em Sorocaba. Por outro lado, a mudança do nome sugere uma aproximação com os conhecidos ideais políticos de Zacharias de Miranda. Se a Escola Americana havia atraído a elite sorocabana por causa dos ideais americanos de modernidade, o nome Colégio Sorocabano identificava esta instituição com a própria cidade de Sorocaba, e em particular com outro

campo político-religioso sorocabano ao qual ele estava ligado: o maçônico-republicano.

Esta interpretação nos parece válida na medida em que, novamente, as designações escola protestante e escola presbiteriana eram preteridas e ocultadas - ainda que todos no cotidiano de Sorocaba soubessem quem eram Palmira e Zacharias no campo sacro-religioso.

Além da mudança do nome da escola, Zacharias ampliou a proposta educacional e curricular ao oferecer instrução primária e secundária para ambos os sexos. No início, a Escola Americana fora organizada apenas para meninas, depois ela se transformou em escola mista, porém continuou oferecendo apenas ensino primário. Ao ampliar, estrategicamente, a proposta educacional e curricular do seu colégio, Zacharias alcançaria novos alunos e, indiretamente, segundo nossas hipóteses, poderia fazer circular mais amplamente a ideologia civilizatória e a fé presbiteriana.

Podemos ainda pensar que os alunos de Palmira ficaram sob a responsabilidade educacional de Zacharias de Miranda. Embora não tenha encontrado nenhum documento que relacionasse os nomes dos alunos da Palmira aos nomes dos alunos de Zacharias de Miranda, existe, contudo, uma informação registrada pelo historiador presbiteriano Júlio Andrade Ferreira (1952, p. 129), de que Maria Carolina Menzen Pacheco foi aluna da professora Palmira e do professor Zacharias de Miranda⁸.

Por outro lado, localizei no Arquivo do Estado uma referência a uma escola particular em Sorocaba aberta por uma professora presbiteriana, em 20 de outubro de 1884:

Sorocaba. Escola particular de ensino misto aberta a 20 de outubro de 1884, à rua do Rosário, n. 60, da cidade supra, por Dona Maria Dolada de Moura, sua professora e diretora, segundo participou em ofício, de 26 do mesmo mês. O programa de ensino abrange o seguinte: leitura, caligrafia, contabilidade, geografia, gramática nominal, história pátria, desenho, francês e doutrina cristã. As suas aulas funcionaram das 10 horas da manhã as 2 horas da tarde. Até essa data haviam matriculado seis alunos, sendo 2 do sexo masculino e 4 do sexo feminino (LIVRO DE REGISTRO DE ESCOLAS PARTICULARES DA

PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 1884-1895, ORDEM 5111).

O livro não faz nenhuma menção à Escola Americana em Sorocaba, que ainda existia neste período. Porém a professora e diretora Maria Dolada de Moura era membro da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, recebida por Antonio Pedro de Cerqueira Leite em 23 de julho de 1882 (LIVRO DE ROL MEMBROS, 1869). Além disso, a escola ensinava contabilidade e doutrina cristã, disciplinas que não apareciam no programa curricular da Escola Americana. Seria outra escola protestante na cidade? Talvez, se for entendida na condição de uma escola junto à igreja, por duas razões. Primeiro, a quantidade de alunos. Segundo, a localização da escola na rua do Rosário 60, que correspondia ao local onde era realizado os serviços dos cultos presbiterianos e também servia de residência do pastor (DIÁRIO DE SOROCABA, 24/12/18850, p. 4).

Zacharias de Miranda, estrategicamente, foi até a imprensa para solicitar aos pais que encaminhassem seus filhos para a sua instituição escolar, aberta na rua do Rosário 60. Esperava acolher os antigos alunos de Palmira, configurando, mais uma vez, a antiga estratégia da evangelização indireta e por outro lado conciliava duas modalidades educacionais: paroquial e colégio aberto.

Ele objetivava com esse movimento a afirmação da presença presbiteriana no campo educacional escolar sorocabano e, subliminarmente, no campo religioso, e ainda pelas suas ligações públicas com a maçonaria republicana, no campo político.

A respeito do ensino de doutrina cristã na Escola Americana e no Colégio Sorocabano não foi possível identificar esta prática através da imprensa sorocabana e dos relatórios encaminhados ao Inspetor Geral da Província. Qual seria a razão da não publicação de assuntos ligados à religião presbiteriana na imprensa sorocabana e nos ofícios encaminhados ao Inspetor Geral da Província? Penso que esta postura tratava de uma estratégia dos agentes sociais presbiterianos, cuja postura política e religiosa de defender a evangelização indireta através das escolas atrairia mais alunos para o campo educacional presbiteriano, inclusive, alunos do campo religioso católico.

O colégio de Zacharias mudou várias vezes de local. Em 1885, o Colégio Sorocabano estava localizado na rua do Rosário nº 60. Permaneceu neste lugar até o fim do ano de 1891. No início de 1892, estava localizado à rua da Ponte nº 33. Em julho de 1892, na rua das Flores,

nº 24. Em 1894, passou a funcionar definitivamente no prédio da rua das Flores nº 9, onde dispunha de excelentes acomodações⁹.

Em 1885, o Colégio Sorocabano tinha o seguinte currículo: para o ensino primário: leitura, rudimentos de gramática portuguesa compreendendo análise sintática e exercícios ortográficos, caligrafia, rudimentos de aritmética compreendendo sistema métrico e geografia física. Curso secundário: Gramática portuguesa, exercícios de composição, História pátria, Geografia física, política e cosmografia, Aritmética (curso complementar), álgebra, francês, inglês e latim (DIÁRIO DE SOROCABA, 24/12/1885, p. 3).

As mudanças efetuadas no currículo punham o colégio na direção do modelo de um colégio tradicional preparatório, ou seja, internato secundário, como tinha outros no período, muito procurados pelas famílias abastadas.

Considerações Finais

Ao contrário do que sustenta a historiografia protestante, a participação da educação protestante em Sorocaba não foi passageira. Embora não tenha encontrado documentação que me permitisse reconstruir seu cotidiano e sua cultura escolar, pude perceber por outras fontes que essas instituições escolares protestantes tinham uma posição muito significativa no campo educacional e nas suas relações de poder com outros campos sociais. Seus agentes sociais em diferentes épocas ofereceram através da proposta educacional uma resposta para as demandas políticas, sociais, econômicas e educacionais na segunda metade do século XIX e atuaram modernizando a cidade, educando pessoas, propondo mudanças no espaço urbano, assumindo posições políticas republicanas, escrevendo na imprensa local, utilizando de métodos pedagógicos inovadores, que chegaram a influenciar outras instituições escolares na cidade de Sorocaba e configuraram o campo político, religioso e educacional.

No período da professora Palmira, a proposta protestante em Sorocaba atraía as elites para dentro do seu universo pedagógico, o que reforçou as análises feitas por H. Barbanti (1977). Outro fato que pude avançar está relacionado à participação da referida educadora no campo de poder na cidade de Sorocaba. Foi ela, e não o seu marido que deu visibilidade social e estabeleceu relações de poder com os agentes sociais sorocabanos. Vista pela imprensa jornalística sorocabana como uma exímia educadora dos filhos da elite, Palmira mostrou-se uma mulher

disposta a enfrentar as lutas no campo social com o objetivo de garantir um lugar de prestígio não somente do presbiterianismo, mas também, da sua proposta educacional.

No período em que Zacharias de Miranda esteve à frente da proposta educacional presbiteriana, houve maior visibilidade da proposta educacional na imprensa jornalística sorocabana, por ser maçom e por atuar no campo político sorocabano como vereador do partido republicano. Zacharias de Miranda e outros agentes sociais mostravam através da imprensa jornalística que sua instituição educacional oferecia as melhores condições de ensino, higiene e estrutura física. O objetivo era atrair o maior número de alunos possível.

Nos dois períodos, a escola era uma escola aberta, destinada para a sociedade sorocabana, diferente do modelo de escolas paroquiais. No campo educacional sorocabano ela concorreu com as demais instituições educacionais públicas e particulares. Além disso, a sua proposta educacional de confissão presbiteriana marcou de certa forma a presença de uma pedagogia moderna, na linha das análises feitas pela historiadora Barbanti (1977, 2003) e ofereceu através dos seus agentes sociais a possibilidade de modernizar a cidade através da sua posição política republicana. Relações de poder foram construídas para este fim, com o objetivo de concretizar a dominação do espaço social de poder na cidade, no final do século XIX. Lutas, conflitos, disputas ideológicas, posicionamentos no campo foram algumas das estratégias que apareceram nas análises das fontes. Algumas destas foram usadas de forma inédita na perspectiva da história da educação, trazendo uma contribuição para o estudo das escolas confessionais protestantes no Brasil.

O apoio da elite à proposta educacional presbiteriana em Sorocaba oferecida pela presença dos seus filhos na referida instituição e nos discursos publicados na imprensa em que reforçavam que a instituição educacional presbiteriana oferecia as melhores condições de ensino e aprendizagem; análise que também se identifica com as que foram feitas por Hilsdorf (1977).

Referências Bibliográficas

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas**

origens. São Paulo: USP, dissertação de mestrado, 1977.

BARBANTI, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana: Jornalista, Político, Educador.** Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. M. de Lourdes Mariotto Haidar. São Paulo: 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre A Teoria da Ação.** São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004. 234p.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de sociologie.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 560p.

BOURDIEU, Pierre. **Usos da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004, 86p.

BOURDIEU, Pierre. **Intelectuales, política y poder.** Buenos Aires: Eudeba, 2007, 260p.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil, 2000.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil.** Vol I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 580p.

FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil.** Vol II. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 448p.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Galeria Evangélica: Biografias de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952, 228p.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Simonton e o Panorama Religioso do Brasil nos meados do século XIX.** In.: Simonton, 140 anos de Brasil. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p. 29-50.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação: Leituras.** Thompson, 2003, 134p.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Tempos de escola: fontes para a presença feminina na educação (São Paulo — século XIX).** São Paulo, Plêiade Editora, 1999

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Viagem pela Carne.** São Paulo: EDUSP, 2005, 239p.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: inserção do protestantismo no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2008, 372p.

RIBEIRO, Boanerges. **Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil. Protestantismo e cultura brasileira.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981. 416p.

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): **Aspectos Culturais da aceitação o Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Pioneira, 1973, 179p.

RIBEIRO, Maria Luisa S. **História da Educação Brasileira.** A organização escolar. (6ª. ed.) São Paulo: Moraes, 2003.

RIBEIRO, Júlio. **A Carne.** São Paulo: Martin Claret, 1999, 149p.

FONTES PRIMÁRIAS:

FONTES PRIMÁRIAS – Livro de Atas da Igreja e Lojas Maçônicas, Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, Livro de Casamentos e nascimento

Livro de Atas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba 1872.

Livro de Matrículas da Loja Maçônica Constância. Sorocaba, 1847.

Livro de Atas da Loja Maçônica Perseverança III. Sorocaba, 1869.

Primeiro Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 01/09/1869-05/09/1887.

Segundo Livro de Atas da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 15/09/1886-30/12/1908.

Livro de Registro de Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 01/09/1869-08/10/1922.

Livro de Registro de Casamentos da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 1877-1890.

FONTES PRIMÁRIAS – RELATÓRIOS IMPRESSOS E MANUSCRITOS DE MISSIONÁRIOS NORTE-AMERICANOS.

The Foreign Missionary. **Cartas e relatórios enviados pelos missionários presbiterianos no Brasil ao periódico de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA.** Março de 1875 – dezembro de 1886.

FONTES PRIMÁRIAS JORNAIS

Jornal Diário de Sorocaba (várias edições) – 1877-1899

Jornal 15 de novembro (várias edições).

Jornal O Sorocabano (várias edições)

Jornal Ypanema (várias edições)

Jornal O Americano (várias edições)

Jornal Gazeta Comercial (Várias edições)

Jornal A Voz do Povo (várias edições).

FONTES PRIMÁRIAS: RELATÓRIOS E OFÍCIOS SOBRE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SOROCABA - ARQUIVO DO ESTADO.

Livro de Registro de Escolas Particulares na Província de São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo 1884-1895, ordem 5111.

Ofício do inspetor do distrito, Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury para o inspetor geral da instrução pública da Província de São Paulo, Francisco Aurélio de Souza Carvalho. Arquivo do Estado de São Paulo, 25/11/1883. Ordem 5110.

Notas

- 1 A respeito do segundo liberalismo, Hilsdorf afirma: “A defesa da unidade nacional – nos termos sociais e culturais definidos pelo Regresso conservador dos meados do século XIX – afastara para longe a influência da filantropia ilustrada das primeiras décadas. Mas algo deste discurso progressista voltou no decorrer dos anos de 1860, e, juntamente com os modelos econômicos ingleses e norte-americanos e a influência do pensamento de Comte e Spencer que retomavam cientificamente os ideais da Ilustração do século anterior, formou o quadro mental de inconformismo e ânsia de renovação que deu base para o surgimento de um novo liberalismo: reformista, mas superior, diz Alfredo Bosi, porque defendendo o valor do trabalho livre, a abolição e a integração dos negros à sociedade brasileira”. Consultar: HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação: Leituras*. Thompson, 2000, p. 49.
- 2 A cidade contava com a presença de luteranos desde o início do século XIX, porém estes não adotaram uma posição proselitista e não há indícios documentais que tenham organizado escolas.
- 3 Lemos comete um pequeno deslize falando em Nestor Pestana quando certamente queria dizer Rangel Pestana.
- 4 Segundo Aleixo (1999, p. 153), o conde D’Eu visitou a Câmara municipal, o Gabinete de Leitura, o Colégio União Sorocabana, o Hospital de Caridade, a Fábrica de Ferro Ipanema, e a escola noturna da maçonaria.
- 5 Segundo Aleixo (1999), O Dr. João Henrique Adams, dono de uma fábrica de chapéus, a 1ª de janeiro reuniu todos os pretos. Serviu-lhes lauto jantar e lhes entregou as cartas de liberdade, como já o fizera anteriormente com os escravos Augusto e Eva. Nesse 1º dia de janeiro alforriou Clementino e sua mulher Mathilde, assim como João, Luiz e Carlota. O dr. Adams era genro do Barão de Mogim-Mirim. Pertencia ao quadro da Loja Constância, onde fora regularizado aos 19 de março de 1859, sendo elevado ao grau 18 a 5/8/1871 (p. 256).
- 6 Segundo informação oral do pesquisador de geohistória da cidade de Araçoiaba da Serra, Adolfo Frioli, Manuel Claudiano de Oliveira era um tropeiro rico na cidade de Sorocaba, que construiu um sobrado na Rua das Flores para receber a visita do Imperador Dom Pedro II em 1846. Em função desta visita recebeu o título de Barão de Mogim Mirim. A informação foi obtida em entrevista realizada no dia 11/01/2010. Aprofundando a pesquisa sobre Manuel Claudino de Oliveira, consegui informação no livro: José Aleixo Irmão. *Rafael Tobias de Aguiar: O Homem, o político*. Fundação Ubaldino do Amaral, 1992. Neste livro, Aleixo afirma que: era comerciante e um rico tropeiro, que recebeu a visita do Imperador na sua casa (p. 380).
- 7 Carlos Alberto Cerqueira Lemos diz, ainda, que Palmira fechou sua escola na cidade de Mococa no início do século XX. Foi morar no Rio de Janeiro, onde faleceu num desastre ferroviário em 1912, nas proximidades de Valença. (p. 87).
- 8 Ver anexo 2, vol II, p. 15, (foto 14): Professor Zacharias de Miranda.
- 9 Respectivamente: (DIÁRIO DE SOROCABA, 24/12/1885, p. 04; O ALFINETE, 01/05/1892, p. 3; O ALFINETE, 05/06/1892, p. 2; e O 15 DE NOVEMBRO, 4/01/1894, p. 3).

Sobre o autor:

Ivanilson Bezerra da Silva, Doutorando em História da Educação e Historiografia na Universidade de São Paulo. Membro do Grupo de Estudo (GEHER-USP).

